

## O TRABALHO FILOLÓGICO: RESGATE E EDIÇÃO DE *A MULHER E A LITTERATURA* (1871)

Andreza da Silva Conceição\*  
Maria Conceição Reis Teixeira\*\*

**Resumo:** Apresenta-se uma proposta de edição interpretativa de três textos, intitulados *A mulher e a litteratura*, publicados no jornal *Diário da Bahia*, em 1871, conforme procedimentos metodológicos da *Filologia Textual*. O primeiro texto datado de 02 de outubro foi escrito pela escritora Anna Autran, os outros dois, datados de 08 e 13 de outubro, são de autoria de Belarmino Barreto. Os textos, que compõem o corpus, foram resgatados do Acervo de Periódicos Raros da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, foram submetidos ao tratamento da *Crítica textual*, conforme procedimentos que ela estabelece. Abordar-se, assim, o objetivo da Filologia em recuperar e resgatar o texto, o percurso histórico sobre a participação da mulher na literatura e seu caminho percorrido no âmbito literário e na imprensa escrita. Faz-se, ainda, a apresentação da normas adotadas e a leitura interpretativa dos documentos. Nesse sentido, pretende-se destacar o papel do resgate de textos, uma vez que, no presente estudo, através da edição, se perceberá o pensamento de uma época, sobre o debate acerca da participação da mulher na literatura e na sociedade do século XIX.

**Palavras-chave:** Anna Autran; Belarmino Barreto; Mulher - literatura; Filologia Textual; Edição interpretativa.

### 1. INTRODUÇÃO

Objetiva-se com neste artigo preparar uma edição interpretativa de três artigos jornalísticos publicados no jornal *Diário da Bahia*, na seção de *Communicado*, no ano de 1871, aplicando os procedimentos metodológicos da Filologia Textual. Tratam-se de textos que fizeram parte de um debate, intitulados *A Mulher e a Litteratura*, divulgados, aproximadamente durante três meses no periódico (LEITE, 2005). No decorrer da pesquisa, foram localizados apenas três edições, as publicadas em: 02 de outubro, 08 de outubro e 13 de outubro. Dos três textos selecionados para a constituição do corpus, o primeiro foi escrito pela escritora e poetisa baiana, Anna Autran e os dois últimos por Belarmino Barreto, jornalista e dramaturgo baiano de destaque.

O interesse por estudar textos jornalísticos publicados em periódicos do século XIX nasceu do conhecimento do projeto institucional, *Edição e estudo de textos literários e não-literários baianos*, desenvolvido pelas professoras Dras. Rosa Borges dos Santos e Maria da Conceição Reis Teixeira, no Campus I da Universidade do Estado da Bahia. O conhecimento da

---

\* Graduada do Curso de Letras – UNEB. Voluntária do Projeto de pesquisa intitulado **O discurso abolicionista nos periódicos baianos do século XIX**, coordenado pela Profa. Dra. Maria da Conceição Reis Teixeira. E-mail: andrezaconc@hotmail.com- Autora.

\*\* Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professora de Filologia Românica da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Pesquisadora do Grupo de Edição de Textos (CNPq). Coordenadora do Projeto de Pesquisa **O discurso abolicionista no Diário da Bahia**. Orientadora. E-mail: conceicaoreis@terra.com.br. - Co-autor.

proposta de trabalho da professora Maria da Conceição Reis Teixeira com o projeto intitulado *O Discurso Abolicionista no Diário da Bahia* foi decisivo, sobretudo em favorecer experiência na área de pesquisa, no contato e no resgate de jornais do século XIX. A busca aos periódicos centrou-se no Acervo de Periódicos Raros da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, na qual os exemplares do jornal *Diário da Bahia* encontram-se em melhores condições de manuseio.

Durante o trabalho como bolsista, realizou-se a recolha e a transcrição dos textos referente à abolição na tentativa de revelar o que de fato representou o movimento abolicionista no estado da Bahia. O contato direto com os jornais do século XIX oportunizou a pesquisadora entrar em contato com textos dos mais variados gêneros e compreender a importância capital dos periódicos como veículo difusor de conhecimento. Um dos textos que chamou a atenção foi *A mulher e a literatura* que trata da participação da mulher no âmbito literário.

Devido às péssimas condições de conservação do suporte do jornal só foi possível localizar três edições dos textos. Acredita-se que, através desses escritos produzido por uma feminista baiana e por um homem intelectual da época, poder-se-á compreender o modo como as mulheres eram percebidas, as impressões sobre si próprias e o contexto sócio-histórico-cultural em que estas estavam inseridas.

Conforme Leite (2005), trata-se de um fato de grande repercussão na época. Foi uma discussão pública entre uma figura atuante na área da literatura, uma das notáveis representantes da imprensa feminina é Anna Teófila Filgueira Autran, que educou-se em Salvador, no seio de uma família rica, e com apenas quinze anos de idade dava início ao polêmico debate publicado no *Diário da Bahia*, com o jornalista e dramaturgo, Belarmino Barreto, um dos contra-feministas baianos.

Tratando-se de documentos pertencentes a um periódico do século XIX, que apresentam dificuldades de acesso. Os suportes estão bastante danificados devido ao avançado estado de decomposição pela ação do tempo e pelas condições de armazenamento no Acervo de Periódicos Raros da Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Assim, pois, faz-se necessário o trabalho de edição dos textos, os quais foram transcritos e editados conforme aportes teórico-metodológicos da Filologia Textual. Diante de textos como esses, se revelará dados a respeito da visão sobre a mulher do século XIX, seu papel na sociedade, enquanto dama, esposa e literata.

## 2. A FILOLOGIA TEXTUAL A SERVIÇO DO RESGATE DE TEXTOS

A pesquisa tem com aporte teórico a Filologia Textual. É sabido que a filologia é compreendida como o estudo e a análise da cultura de um povo através dos documentos escritos deixados por este, pois, durante seu percurso histórico, o homem deixa vestígios de costumes, hábitos e valores que lhes são peculiares em um determinado período. Será considerada, nessa perspectiva, a relação entre a Filologia e a História Cultural, na medida em que a primeira decifra os textos que revelam culturas de épocas pretéritas. Verifica-se, deste modo, a primordial importância dos estudos filológicos na constituição científica dos estudos de linguagem(ns) e nas abordagens históricas de fenômenos sócio-culturais, oferecendo inegável contribuição para a compreensão da história dos povos e resgate de sua memória cultural.

Auerbach destaca que:

A necessidade de constituir textos autênticos se faz sentir quando um povo de alta civilização toma consciência dessa civilização e deseja preservar dos estragos do tempo as obras que lhe constituem o patrimônio espiritual; salvá-las não somente do olvido como também das alterações, mutilações e adições que o uso popular ou o desleixo dos copistas nelas introduzem necessariamente. (1972, p. 11)

Assim, através da recuperação dos textos, a atuação do filólogo faz-se necessária e imprescindível, porque a função desse estudioso é justamente “concentrar-se no texto, para explicá-lo, restituí-lo à sua genuinidade e prepará-lo para ser publicado [...] tornando-o inteligível com toda a sua extensão e com todos os seus pormenores” (SPINA, 1994, p. 82).

A Crítica Textual, para Cambraia (2005), em *Introdução à crítica textual*, é o campo do conhecimento que se ocupa da restituição do texto genuíno, ou seja, do texto primeiro. Sua motivação está no fato de que estes sofrem alterações ao longo do processo de sua transmissão. Acrescenta que

[...] a contribuição mais evidente e importante da crítica textual é a *recuperação do patrimônio cultural escrito* de uma dada cultura. Assim como se restauram pinturas, esculturas, igrejas e diversos outros bens culturais da humanidade, a fim de que mantenham a forma dada por seu autor intelectual, igualmente restauram-se os livros em termos tanto físicos (recuperação da folha, encadernação, da capa, etc.) quanto de seu conteúdo (recuperação dos textos). (CAMBRAIA, 2005, p. 19)

O trabalho de edição que se realiza foi conforme princípios metodológicos acima descritos. Ressalta-se que, a determinação do estudo e o tipo de edição de um texto é a natureza que ele carrega. Cambraia (2005, p. 90) lembra que “a escolha de um dos tipos fundamentais de edição para ser aplicado a um texto exige especial reflexão do crítico textual, pois cada tipo tem características muito próprias e distintas.” No que tange ao documento escolhido para esse trabalho, a edição interpretativa foi a contemplada devido à especificidade do *corpus*. A partir das características específicas do mesmo, objeto da pesquisa constituído de três textos de imprensa monotestemunhais, que apresentam, falta de palavras, letras apagadas, erro de gralha e manchas as quais dificultam a leitura, optou-se, aqui, pela edição interpretativa, atribuindo a eles um “*grau máximo de mediação admissível*”<sup>1</sup>, em que o editor intervêm na interpretação de um texto mais apurado, apresentando-o em uma forma acessível a um público amplo.

### 3. A MULHER NA LITERATURA

Perrot (2007), sobre a história das mulheres, diz que de início, a religião e o imaginário: místicos e literários; a oração, a meditação, a poesia e o romance, foram as *vias da escrita*<sup>2</sup> para as mulheres em tempos de repressão. Na Idade Média, os conventos foram lugares de leitura e escrita para as mulheres, tanto que no final do século XIII, as mulheres da nobreza, culturalmente já pareciam superiores aos homens da época, que se dedicavam a guerrear nas cruzadas e em outras situações. Segundo Bessa (2007), são do século XIX os primeiros textos escritos por mulheres brasileiras que têm alguma divulgação entre o público letrado. Diz ainda que

<sup>1</sup> Expressão utilizada por Cambraia (2005, p. 97).

<sup>2</sup> Termo tomado de empréstimo de Perrot (2007).

A imagem da mãe-esposa-dona de casa como a principal e mais importante função da mulher correspondia àquilo que era pregado pela Igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo estado e divulgado pela imprensa. Ao homem cabe o espaço público da produção, das grandes decisões e do poder; à mulher pertence o domínio da casa e o espaço privado do mundo doméstico. Ao homem compete à esfera pública, e à mulher, a responsabilidade de reprodução e as tarefas domésticas. Mesmo em meio a esse contexto de isolamento do ambiente cultural e de uma existência estreita e confinada, umas poucas mulheres vão aparecer na história da literatura. (BESSA, 2007, p. 1)

Entende-se, a partir disso, que a escrita feminina era dominada e privada das propriedades que qualificavam a escrita masculina. A situação em que encontrava-se a mulher começa a mudar no mundo a partir da segunda metade do século XIX. Na Europa e nos estados unidos, as mulheres começam a se organizar em movimentos reivindicando seus direitos políticos e sociais.

Tudo leva a crer que só a partir do fim do século XIX e início do século XX é que as mulheres participam do âmbito da criação literária; são poetisas, romancistas, dramaturgas, ensaístas; e elas passam a colaborar cada vez mais no fortalecimento da produção artística do país, dentre elas está Anna Autran, uma das representantes que discutiam o livre acesso da mulher na literatura.

A historiografia literária recente tem se dedicado a estudar sobre a mulher como atuante na literatura, desde épocas remotas até as atuais. Acerca dos estudos sobre discurso de gênero, Boaventura defende que:

[...] a leitura sobre as mulheres e as relações entre os gêneros se afirma num contexto de transformações e numa conjuntura intelectual propensa a rupturas e reavaliações de paradigmas discursivos sobre o social. A consciência dos problemas originados nos conflitos entre homens e mulheres, é que embasa todas as formas de movimentos contestatórios e traz a possibilidade de reconstrução da subjetividade dos grupos. (apud LEITE, 2005, p. 21)

Nesse sentido, a participação da mulher no âmbito literário provoca estudos sobre sua atuação enquanto leitora e escritora, sujeito social, ao revelar traços de uma época em que vigoravam restrições à educação das mulheres. Acrescenta-se a isso, fatos de menosprezo e repúdio às experiências sociais do elemento feminino no campo cultural no século XIX, espaço até então de atuação expressivamente masculino.

Coelho (2005), em *A Emancipação da Mulher e a Imprensa Feminina no século XIX*, fala a respeito da imprensa feminina e o papel das escritoras ao destinarem seus textos aos periódicos com o intuito de fazer circular suas idéias na sociedade:

[...] sobre a imprensa feminina: nela ficaram os testemunhos de tudo que fazia parte do cotidiano da mulher brasileira na época, desde os comentários sobre moda, espetáculos de teatro jogos de salão, conferências, receitas culinárias, carnaval, romances, poesias, problemas com filhos, etc., etc., até as reivindicações feministas (ou pré-feministas). (COELHO, 2005, p. 3).

As edições jornalísticas de cunho feminino, segundo Coelho (2005), foram se multiplicando, ocupando espaços variados e gerando acirradas discussões entre os sexos. Em

parte, elas foram responsáveis não somente pelo desenvolvimento do hábito da leitura entre as mulheres, mas provocou também o surgimento de uma consciência e de uma identidade feminina baseadas em trocas veladas e/ou explícitas. Consequentemente, compreende-se que, a partir disso, as mulheres que sempre estiveram às margens da sociedade foram abrindo e ampliando seus espaços de atuação e iniciaram um movimento de dupla circulação e articulação, intercambiaram o lugar e o papel do feminino. Ocuparam, simultaneamente, a margem e o centro, disputando uma parte de um todo na sociedade brasileira.

Uma das notáveis representantes da imprensa feminina baiana é Anna Teófila Filgueira Autran. Para Leite (2005, p. 32), ela foi a “pioneira na defesa dos direitos femininos na Bahia e revelou-se leitora culta reflexiva. [...] sua visão de mundo era crítica e transgressora, no contexto senhorial da sociedade soteropolitana.” Com apenas quinze anos de idade, dava início à polêmica discussão com Belarmino Barreto, que abordava o exercício das letras pelas mulheres. Esse era reconhecido como um dos maiores jornalistas do seu tempo. Teve parte de seus textos publicados nos jornais baianos. Ligado ao fazer literário, não admitia a inserção do elemento feminino em atividades tão diferentes as já enraizadas pela sociedade de sua época.

Com a intenção da autora em polemizar o assunto, no texto, datado de 02 de outubro de 1871, assinado por Anna Autran, ela retoma assuntos abordados em outras edições do *Diário da Bahia*, argumentando o porquê de a mulher ser considerada “espírito inferior” e “inteligência medíocre”. Acreditava que a mulher poderia exercer as letras e ser literata, não deixando de lado suas funções enquanto mulher. Autran (1871, p. 4) afirma, “A mulher jamais poderá ser litterata, sem po[s]suir um ta[l]lento superior e uma esmerada educação, e esta de accordo com aquelle, é quem mata as más propensões com que por acaso nasce, e a arrasta pelo caminho do dever.” Nesse sentido, surge o discurso em defesa da literatura feita por mulheres, onde a educação está atrelada não só às responsabilidades enquanto senhora, dama e esposa, mas também ao seu dever literário, seja em leitura ou escrita de folhetins, jornais ou romances. Para Silva (1979), o jornal em questão apoiava, em certa medida, inclusão a mulher na literatura, pois durante muitos anos na seção *Folhetim do Diário da Bahia* eram publicados romances, em capítulos diários, de autores e autoras da França, expediente utilizado para atrair e estimular a leitura, principalmente entre as mulheres.

#### 4. LEITURAS INTERPRETATIVAS DOS TEXTOS

Na fixação dos textos adotou-se as seguintes normas para o estabelecimento da leitura interpretativa:

1. Buscou-se ser fiel ao texto original;
2. Respeitou-se a grafia e pontuação do texto original, emendando-se apenas os erros óbvios e as falhas de gralhas, indicando-as entre colchetes;
3. Numerou-se o texto, linha por linha, indicando a numeração de cinco em cinco, desde a primeira linha do documento;
4. Desdobrou-se as abreviaturas, apresentando-as em **negrito** e *itálico*;
5. Colocou-se entre colchetes as intervenções e os acréscimos ao texto original feitos pelo editor:  
[ ]

6. Usou-se colchetes e reticências para indicar letras, palavras ou trechos cuja leitura foi impossibilitada pela condição do suporte: [...]
7. Utilização de duas barras para separação de colunas: //
8. Conservou-se o seccionamento do texto original;
9. Conservou-se o uso do itálico, conforme original;
10. Manter a grafia dos nomes/expressões em língua estrangeira, conforme o original.
11. Indicar as interferências do editor com o auxílio das chaves { }, com a informação em *itálico*;

#### 4.2 Leitura Interpretativa: *A mulher e a litteratura*

##### A mulher e a litteratura.

- Varios escriptores mais d'uma vez tem demonstrado quão necessario é a intelligencia e a educação á mulher; e mais d'uma vez tem sido infructíferas as suas palavras; e esta pobre creatura, á quem os povos tornarão fragil e os costumes fizerão acanhada, é barbaramente considerada como um espirito inferior e intelligencia mediocre.
- 5
- Assim não cuidão na sua illustração!...Abafão á voz de sua consciencia que lhe faz conhecer os seus direitos!...Matão cruelmente o seu amor ás letras, e deixão perder-se tantos rasgos de eloquencia! Tanta poesia e belleza do genio, que de harmonia com o seu grande coração, deixa ospandir-se de seus labios os mais odoriferos perfumes, as mais suaves melodias!...
- 10
- E tudo porque?
- 15
- Porque fechando os olhos à razão, fazem-se ignorantes, considerando a mulher litterata, como esquecida dos seus deveres! Forte irrisão! Engano inqualificavel.
- A mulher jamais poderá ser litterata, sem po[s]suir um ta[l]ento superior e uma esmerada educação, e esta de accordo com
- 20
- aquelle, é quem mata as más propenções com que por acaso nasce, e a arrasta pelo caminho do dever.
- A sua alma adevinha-se pelo seu genio, e o seu pensamento observa-se pelos seus escriptos e pelas suas palavras.
- Ai! Triste da mulher ignorante, que sem saber as lições do
- 25
- bem ou do mal, tem de luctar com atençaõ.
- A mulher sem educação não pode pensar bem; não tem o verdadeiro conhecimento das coisas, e sem [te]mer qualquer coisa.
- mias [emenda erro óbvio]*

#### 4.3 Leitura Interpretativa: *A mulher e a litteratura XVI*

##### A mulher e a litteratura XVI.

Muitas razões impedem as mulheres de entregar-se  
ao exercicio da litteratura: já explicamos algumas dentre  
5 ellas; vamos hoje dar outras.

Se ha ponto, em que mais se descubra a influencia  
das mulheres, é seguramente a amabilidade dos homens.

A mulher é naturalmente futil; o homem  
naturalmente grosseiro: a reunião das pessoas dos dous  
10 sexos corrige nas de cada um delles o que ha de fraco ou  
de aspero.

D'ahi vem que os povos, que trancão as mulheres,  
são pouco sociaveis; as classes, que vivem fóra dellas, são  
rudes, como os marinheiros.

15 É a mulher que se deve a amabilidade.

Ora, a amabilidade, que é no homem uma  
qualidade preciosa, é na mulher indispensavel, quasi um  
dever.

sáo [emenda-se erro óbvio]

#### 4.4 Leitura Interpretativa: *A mulher e a litteratura XVII*

##### A mulher e a litteratura. XVII.

Disse ao meu amigo o *Senhor Doutor* Augusto, tomando  
suas comparações, que a mulher tinha uma luz, a beleza; uma  
5 harmonia, a bondade; um perfume, o pudor.

No correr destes artigos tenho procurado provar que a  
litteratura estraga a saude e mata a amabilidade; não será  
tambem nociva a modestia?

Uma vez porém que se trata de virtudes e vicios,  
10 lembro-me que a *Excelentíssima Senhora Dona* Anna Autran  
deu como uma das causas, senão a única, a primeira, da perdição  
das mulheres, a ignorancia em que vivem de seus deveres.

É verdade que escreveu alguém: “Não se dá às  
moças senão quasi que o orgulho para guarda de sua castidade;  
15 mas quando a virtude só é guardada por um vicio, é facil  
corromper a sentinella.”

Erro perfeito! *Madame* de Scuderi pensava que: “Não ha  
melhor guarda do coração de uma bella do que a altivez.”

ás [emenda-se erro óbvio]

## 5. CONCLUSÃO

No labor filológico a reconstituição e/ou recuperação do texto faz necessários para a humanidade a memória, a história e os valores de uma sociedade. Cabe, pois, ao filólogo exercer sua função em preservar o patrimônio espiritual e cultural de uma época. Reunir e editar textos do século XIX cumpre o propósito da Filologia Textual. Documentos, estes, que estavam arquivados contendo um valioso conteúdo sobre a participação das mulheres na área literária, na visão de uma escritora feminista, Anna Autran, e um escritor machista, Belarmino Barreto.

Do que foi exposto, pode-se analisar que era no contexto do Império que a baiana Anna Autran, poetisa atuante, travava uma polêmica discussão no jornal *Diário da Bahia* com Belarmino Barreto acerca dos direitos femininos. A discussão pública, que entrou para os anais da história da imprensa e ocorreu no ano de 1871, revelava a intenção da autora e das mulheres que se sentiram representadas por ela em discutir o livre acesso da mulher à literatura (COELHO, 2005).

Assim, no resgate dos textos editados, através dos pressupostos teóricos e metodológicos da Filologia Textual, percebe-se, pois, as posturas distintas de Anna Autran e Belarmino Barreto, uma vez que as reflexões e discursos da escritora giravam em torno da idéia de que a mulher possuía capacidade intelectual e literária igual a dos homens. Na visão da escritora, contrariando idéias expostas por Belarmino, não via incompatibilidade alguma entre o exercício das profissões e, ainda, vislumbrava um resultado positivo no lar doméstico, que era o fato da mulher se realizar enquanto senhoritas<sup>3</sup>, madames e senhoras de casa. Por isso, o fato de ser madame não a distanciava da necessidade de ser literata e, ao mesmo tempo, reivindicar um lugar na sociedade que até então somente os homens detinham preferência. Dessa forma, a filologia colabora para a compreensão do pensamento e do patrimônio escritural e cultural de uma época.

## REFERÊNCIAS

AUTRAN, A. A mulher e a litteratura. **Diário da Bahia**, Bahia, n. 222, p. 4, 02 de out. 1871.

AUERBACH, Erich. **Introdução aos estudos literários**. Trad. de José Paulo Paes. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

BARRETO, Belarmino. A mulher e a litteratura XVI. **Diário da Bahia**, Bahia, n. 227, p. 2, 08 out. 1871.

\_\_\_\_\_. A mulher e a litteratura XVII. **Diário da Bahia**, Bahia, n. 232, p. 2, 13 out. 1871.

BESSA, Raimunda Alvim Lopes. Mulheres na História da Literatura Brasileira. Encontro Regional da ABRALIC. 2007. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/400/702.pdf>>. Acesso em: 10 de dez. 2007.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

<sup>3</sup> Termo tomado de empréstimo de Leite (2005).



COELHO, N. **A Emancipação da mulher e a imprensa feminina no século XIX.** Educação & Comunicação, Revista Pública em Lisboa. v. 1. 2005.

LAUSBERG, Heinrich. **Lingüística românica.** Tradução Marion Ehrhardt e Maria Luísa Schemman. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1981.

LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. **Entre a tinta e o papel:** memórias de leituras e escritas femininas na Bahia (1870-1920). Salvador: Quarteto, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. **A Crítica textual e a recuperação da história.** Scripta Philologica, Feira de Santana, v. 1, n. 1, 2005.

SANTOS, Rosa Borges dos. **A Filologia e seu objeto:** diferentes perspectivas de estudo. Revista Philologus, Rio de Janeiro, ano 9, n. 26, maio-ago. 2003.

SILVA, Kátia Maria de Carvalho. **O Diário da Bahia e o século XIX.** Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1979.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. **Fundamentos da Crítica Textual:** História, metodologia, exercícios. Rio de Janeiro; lucerna, 2004

SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica:** Crítica Textual. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Ars Poética/ Edusp, 1994.

TEIXEIRA, Maria da Conceição R.; QUEIROZ, Rita de Cássia R. de; SANTOS, Rosa Borges dos (Org.). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos.** Salvador: Quarteto, 2006.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura.** São Paulo: Contexto, 1991.